

A GÊNESE DA PSICOLOGIA NOS ESCRITOS DE FOUCAULT

THE GENESIS OF PSYCHOLOGY IN THE WRITINGS OF FOUCAULT

Cláudia Lima de Souza ¹

Rita Meurer Victor ²

RESUMO

No presente trabalho, apresentamos o percurso da psicologia em sua origem. Essa história de surgimento de um futuro saber psicológico ocorreu na experiência da loucura no Ocidente, conforme os escritos de Foucault. Tendo, dentro do contexto histórico da loucura, inúmeros fatores que possibilitaram a edificação de tal saber. A loucura foi um modelo para a psicologia, um modelo de como produzir um saber sobre a interioridade do homem. A psicologia que teve uma origem moral nasceu quando a medicina clássica separou corpo e alma. A medicina retornou a uma medicina do corpo e a psicologia passou a ter como referência a alma.

Palavras-chave: Psicologia. Origem. Loucura. Foucault. Corpo/alma.

ABSTRACT

In the present paper, present the course of psychology in its origin. This history of a future psychological knowledge occurred in the experience of madness in the West, as the writings of Foucault. Having, in the historical context of madness, umpteen factors that enabled the building of such knowledge. The madness was a model for psychology, a model of how to produce a knowledge about the inner man. Psychology that has a moral origin was born when the classical medicine has separated body and soul. Medicine returned to a body medicine and the psychology now has as reference the soul.

Key words: Psychology. Origin. Madness. Foucault. Body/Soul.

Introdução

Variadas são as formas de contar uma história, e também, maneiras de começá-la. Na História da Psicologia não é diferente. No entanto, o comum, como afirmam Figueiredo e Santi (2003), é começarmos pela Filosofia Ocidental, depois

¹ Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG); souzacl@yahoo.com.br

² Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, professora do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG), mv_rita@hotmail.com

pelos físicos, fisiólogos e filósofos até chegarmos aos projetos de uma ciência independente e positivista.

Entretanto, contrariando o trajeto acima, o objetivo do presente artigo é apresentar, dentro do contexto histórico da loucura, o percurso da psicologia em sua origem, ou seja, uma história do surgimento da psicologia. Desta maneira, ao invés de começarmos pela Filosofia Ocidental, começaremos pela experiência da loucura no ocidente, e dentro deste contexto histórico verificaremos a relação entre psicologia e loucura.

Essa é a relação que possibilitou o surgimento de um discurso psicológico sobre o homem, isto é, o surgimento de uma psicologia que fala sobre o homem – alma, subjetividade; a interioridade do homem.

A origem, assim como a história da psicologia não é somente um fato histórico, do qual se pode contar seu desenrolar. Mas uma convergência de inúmeros fatores, tais como, o exame, a prática conjunta entre direito e medicina; a invenção de mecanismos de controle social; as relações de poder; as instituições; que possibilitaram a edificação de uma saber psicológico.

Estamos sempre a criar, inventar, dentro de um contexto histórico, cultural, social, e também por questões políticas e econômicas, afinal as ciências originam de questões políticas, de práticas sociais e culturais, nos quais o poder e o saber se unem. Por questões econômicas também, pois Foucault diz de uma História da Loucura, na Era Clássica (séculos XVII, XVIII e XIX), era industrial e de produção econômica, em que é preciso ter indivíduos úteis e dóceis a essa sociedade que está a se reorganizar.

Este artigo produziu-se de um lado pela inquietação durante a graduação em psicologia, em relação às verdades históricas produzidas dentro desse campo de saber, e de outro lado, pela vontade de conhecer a psicologia, sua história, sua origem.

Conhecer a origem, o percurso de um campo de saber ao longo de uma história de surgimento é entender as suas práticas, formulações teóricas, metodológicas, técnicas bem como o próprio campo de saber que um profissional se insere.

Consideramos necessário conhecer a psicologia, seja em sua origem ou mesmo o seu percurso histórico, para que possamos compreender aquilo em que

estamos inseridos ou que pretendemos nos inserir. E um questionamento nos orienta: como a psicologia surge e o que a torna possível?

Para isso, contamos com Michel Foucault e suas obras. Ao analisar a história dos acontecimentos nas relações de saber-poder, Foucault mostrou como é possível o aparecimento de saberes. Entre seus objetos de investigação, está o saber como campo de investigação, principalmente os saberes sobre o homem, as ciências humanas. Com sua arqueologia (prática discursiva – saber - ciência) e genealogia, terminologia nietzscheana, do poder, o autor analisa as unidades discursivas e interroga o já dito nos arquivos.

O artigo formou-se de uma pesquisa bibliográfica, a partir do campo teórico da psicologia, filosofia e sociologia, tendo em Bauman (1999), Figueiredo e Santi (2003), Frayze-Pereira (2002) Guareschi; Huning (2005), referências que contribuíram, não só para as nossas reflexões e análise acerca do tema em questão, mas também enquanto profissionais, estudiosos da psicologia e sujeitos expostos a sua prática.

No decorrer do trabalho, faremos uma breve explanação sobre a experiência da loucura no Ocidente para situarmos o contexto histórico, no qual a psicologia tem a sua origem, seguido da apropriação da loucura pela medicina, pois a psicologia só torna um campo de saber próprio após separar-se da medicina. E, na psicologia da loucura, o que se tem são os fundamentos de uma futura psicologia, para então falarmos de sua origem. Discorreremos sobre a origem da psicologia na loucura.

A experiência da loucura no Ocidente

A loucura, enquanto condição humana, sempre fez parte da existência do homem, porém modificam-se as maneiras de olhá-la, nas diferentes sociedades, épocas e formas de discurso (FOUCAULT, 1997); num movimento de construção e desconstrução no decorrer da história.

Nos livros “Doença mental e Psicologia” (2000) e “História da Loucura” (2002), Foucault explica que a experiência da loucura no Ocidente, como ele mesmo nomeia, inicia-se no século XV, no qual a loucura se renova e começa a ter os primeiros estabelecimentos reservados aos loucos, ou melhor, existirão lugares,

como casas abandonadas, em que certos loucos serão trancafiados sem explicações, são simplesmente isolados.

No Renascimento, existe o medo do insano, mas este é valorizado, exaltado (FOUCAULT, 2002), a loucura é teatralizada. Também ocorre neste período, a nau dos loucos, barcos que navegavam pelos rios da Europa deixando os loucos em portos de outras cidades, até estas reivindicarem para que cada qual cuide dos seus.

Contudo, é nos meados do século XVII que o mundo da loucura irá tornar-se um mundo da exclusão com a proliferação das casas de internação. É o louco sob o regime do internamento, uma nova ordenação do espaço social. “É que esse mal, diversamente da lepra, logo se tornou coisa médica, inteiramente no âmbito médico” (FOUCAULT, 2002, p.08).

O mal da lepra deixou sua herança, esta que será reivindicada, após um intervalo, pelas doenças venéreas e pela loucura, que juntas estarão “[...] num espaço moral de exclusão” (FOUCAULT, 2002, p.08). Porém, a verdadeira herdeira da lepra, nos jogos de divisão, exclusão e purificação, é a loucura.

As casas de internação, hospitais, até o século XVIII tem por função um misto de assistência, isolamento-exclusão e transformação espiritual. Por estar doente, por representar perigo, por ser inútil, esses lugares recolhem. Não tem, ainda, uma função médica: diagnóstico, tratamento; mas os médicos dizem quem fica ou não.

Logo, nessas casas de internação estavam todos aqueles que, em relação à ordem da razão, da moral e da sociedade, davam mostras de “alteração”: doentes, loucos, devassos, prostitutas, velhos miseráveis, etc. Estes não podem mais fazer parte da sociedade, por isso são excluídos (FOUCAULT, 2000).

A loucura, nessa época, século XVII, é vista como erro e ilusão e só é internado aquele que representar perigo, ou se sua loucura se apresentar de forma extrema, caso contrário fala-se o tratamento: dar uma volta na cidade, tirar umas férias. O louco ainda não é enclausurado, salvo estas exceções. Esse enclausuramento só acontecerá no asilo, como veremos adiante.

Essa experiência envolveu vários discursos, não só médico, mas também o discurso político e econômico das modificações sociais burguesas, incluindo a família, a igreja, a justiça, principalmente a justiça penal, a crítica literária e artística

(FOUCAULT, 1997). Portanto, o discurso ou saber médico estará articulado com essas outras instâncias sociais e mesmo com outros discursos.

Entre esses discursos, estará o discurso jurídico da alienação ou a jurisprudência da alienação, a qual se trata de uma prática conjunta da medicina com o Direito. O médico fará a verificação se o internamento se faz necessário, e o juiz o determinará.

A jurisprudência da alienação, ou seja, a experiência jurídica juntamente com a experiência social, normativa e dicotômica da loucura, doença do corpo-doença do espírito, da alma será de extrema importância para a apropriação da loucura pela medicina, enfim para o próprio desenvolvimento da psiquiatria, e conseqüentemente da psicologia, pois teremos um direito aliado aos saberes “*psis*”, psiquiatria e psicologia (FOUCAULT, 2002).

A apropriação da loucura pela medicina

Sempre houve no Ocidente curas médicas da loucura. Mas, é na Era Clássica, século XVII, que as práticas médicas em relação à loucura começam a ganhar destaque, pois o internamento, reestruturação do espaço social, torna-se medida de caráter médico, isto é, especificidade atribuída ao médico.

Vale fazer uma ressalva de que dentro da experiência médica, existirão diversas formas de conceber a loucura e o louco, numa procura por explicação ou justificação, pois se faz necessário dizer o porquê de tal pessoa estar internada, o médico precisa explicar a loucura. Assim sendo, há uma heterogeneidade tanto dos discursos médicos quanto das relações que se estabelecem com o louco (FOUCAULT, 2002).

E quando se tem a “libertação dos loucos” das casas de internação, na verdade é numa nova reestruturação da sociedade, pois parte da população estava internada e numa era industrial, precisava-se de pessoas para trabalhar nas indústrias, isto é, mão-de-obra, a qual estava internada.

A loucura que até então esteve na casa de internação com os outros “alterados/inadequados”, se torna um problema formulado, pois o internamento - exclusão, lembrando a função do hospital até o século XVIII - ganha outras formas de utilização, previstas em leis, por exemplo (FOUCAULT, 2000).

Nisso, o princípio do internamento permanecerá para os loucos, tendo no final do século XVIII, uma “[...] grande reorganização da experiência da loucura [...]” (FOUCAULT, 2002, p.377), ocorrendo assim a transformação da casa de internação em asilo, pois o internamento ganha valor terapêutico. Por conseguinte, a prática médica dar-se-á por métodos de diagnóstico, procedimentos de isolamento e instrumentos terapêuticos.

O asilo será para a loucura, o lugar de sua verdade e de sua abolição, onde o médico lhe dará o *status* de doença mental (FOUCAULT, 2002). Vista como doença, mas posta como mental porque é diferente das outras doenças e o louco é diferente de outros doentes. O asilo terá a função que se confiava aos hospitais no final do século XVIII, o de permitir a descoberta da doença mental, conhecimento e contestação. E é desse modo que se faz da loucura uma doença, e o doente é aquele que é encaminhado ao hospital psiquiátrico para curar-se. Sendo assim, o asilo produziu o doente mental.

Os que estiveram nas instituições, casas de internação depois asilo, hospital psiquiátrico, enquadrados nas mesmas com o recurso da exclusão, cujo se faz necessário por manter todos esses corpos em um mesmo ambiente, no qual são disciplinados, normalizados e deles extraído um saber.

“Um saber sobre os indivíduos que nasce da observação dos indivíduos, da sua classificação, do registro e da análise dos seus comportamentos, da sua comparação, etc” (FOUCAULT, 2003, p.122).

E essas formas de análise são produzidas pela reorganização do Direito, do sistema judiciário, que cria formas de saber, que são formas do saber-poder, como o inquérito e o exame, tendo este último como principal instrumento de especulação da vida do indivíduo.

O exame é um tipo de análise disciplinar, e está mais próxima do poder disciplinar que a formulou, e conseqüentemente está mais próxima das ciências do homem, que são ciências disciplinares, as quais buscam disciplinar e investigar a vida dos homens.

As instituições, que provocaram o nascimento de uma série de saberes, foram criadas no século XIX, são instituições disciplinares, afinal se trata de uma sociedade disciplinar, elas tem por finalidade fixar os indivíduos a uma determinada norma e fazer um controle social. Ao redor do internamento há uma prática discursiva e social, e nisto a base para os saberes psiquiátricos e psicológicos.

Jeremy Bentham, filósofo e jurista, criou o famoso Panopticon, uma espécie de instituição modelo para as outras. Isto foi a utopia de uma sociedade e de um tipo de poder que se realizou; um poder que repousa no exame (FOUCAULT, 2003). Nessa sociedade panóptica o que se produz é a vigilância e o exame:

[...] alguém que se deve vigiar sem interrupção e totalmente. Vigilância permanente sobre os indivíduos por alguém que exerce sobre eles um poder – mestre-escola, chefe de oficina, médico, psiquiatra, diretor de prisão – e que, enquanto exerce esse poder, tem a possibilidade tanto de vigiar quanto de constituir, sobre aqueles que vigia, a respeito deles um saber. (FOUCAULT, 2003, p.88)

Este que é um saber disciplinador, normalizador e corretivo, ou seja, um saber que controla os indivíduos ao longo de sua existência. Conhecimento que denominamos de ciências humanas, pois tem como objeto de estudo, o homem.

Ao longo dessa experiência, há uma mudança de organização da medicina para a apropriação da loucura enquanto objeto de estudo, como diz Foucault (2000), de uma medicina do corpo para uma medicina da mente, e numa junção da medicina orgânica com uma medicina da mente, formar-se-á uma patologia geral da loucura, ou melhor, da doença mental, consolidando assim a Psiquiatria.

Mas, a psiquiatria não é o único discurso que estará a dizer da loucura, da doença mental, pois a história da loucura no ocidente é também história da psicologia.

Uma psicologia da loucura

A psicologia circulará por essa experiência da loucura no ocidente junto à medicina, até desta se separar e se tornar um campo de saber próprio.

Veremos, então, no decorrer dessa experiência (“História da Loucura”): uma psicologia como mantenedora da ordem; uma psicologia mecanicista em relação à animalidade da loucura; uma psicologia da loucura; e por fim uma psicologia. Mas daremos ênfase na psicologia da loucura, pois é nesta que estará os fundamentos da psicologia como um futuro campo de saber (FOUCAULT, 2000).

Assim sendo, uma psicologia estará nas intervenções do médico e o elemento psicológico (exortação, persuasão, argumentação) terá seu lugar nas

técnicas: técnica das metáforas, debate da razão consigo mesma (FOUCAULT, 2000).

Elabora uma psicologia da loucura, pois esta estará a dizer da loucura, e é neste ponto que começa a estabelecer as possibilidades de uma psicologia, a mesma “[...] encaminha-se para estas regiões onde o homem relaciona-se consigo próprio e inaugura a forma de alienação que o faz tornar-se **homo psychologicus**.” (FOUCAULT, grifo do autor, 2000, p.85).

A interioridade do homem, a sua alma se torna referência para um futuro saber. As relações de poder, poder político; as relações de dominação, controle estão a se tornar mais eficazes e a se direcionar para a interioridade do homem, este é efeito e objeto de poder e saber.

O que passa a ser objeto de intervenção é a interioridade do homem. Forma-se um homem psicológico e nisto, os fundamentos de um futuro saber sobre o mesmo. Sendo assim, a loucura é retomada através de uma psicologia geral, numa análise psicológica da loucura.

As práticas sociais de controle e vigilância estão a produzir saber e sujeitos de conhecimento, como por exemplo, o sujeito psicológico. Quando se tem um sujeito de conhecimento, logo é possível se ter um saber sobre tal, pois se tem um objeto de estudo.

Com a mudança da casa de internação para o asilo, a loucura deixa de ser a linguagem do desatino, a figura fantástica da contranatureza para estar inserida numa patologia (FOUCAULT, 2002). Exceto que, na casa de internação existia a dimensão exterior, exclusão-castigo, no asilo será a dimensão interior, moral-culpa (FOUCAULT, 2000). Na casa de internação, o outro diz qual é o tratamento e aplica o castigo, no asilo será o próprio louco que reconhecerá sua loucura, afirmará e fará o tratamento que é proposto, mas para isto o médico utilizará o método da moralização, fazendo com que aquele internado diga que é louco e que precisa se libertar de sua loucura.

Estando, nessa nova configuração, o asilo sob um regime moral, consequentemente também teremos uma mudança em relação à loucura:

[...] a loucura tornou-se um fato que concerne essencialmente à alma humana, sua culpa e liberdade; ela inscreve-se doravante na dimensão da interioridade; e por isso, pela primeira vez, no mundo

Ocidental, a loucura vai receber status, estrutura e significação psicológicos (FOUCAULT, 2000, p.83).

Nessas mudanças, divisões, reformulações e reorganizações, há um aperfeiçoamento das técnicas de controle social, muda-se a estratégia. A loucura passa a ter relação direta com a alma, o interior desse homem, entendido agora pela ótica do indivíduo livre, responsável a quem se direciona tal prática discursiva (homem igual a indivíduo).

O controle está direcionado ao indivíduo, este é o efeito disciplinado do poder e objeto de saber. Individualiza-se para que o poder se direcione a cada indivíduo, e conseqüentemente a população. O poder é algo que circula na sociedade, ninguém o detém, apesar de saber quem não se tem; o poder está na ação, na relação e o indivíduo é o seu alvo (FOUCAULT, 1979).

“Podemos dizer que o controle se produz por meio da interiorização da norma, sustentando-se em modos de dominação dependentes da construção da ideia de uma interioridade única, singular e autônoma do sujeito” (NARDI & SILVA, 2005, p.96).

Conseqüentemente, a medicina abandona a fisiologia e passa a utilizar uma psicologia da loucura, tornando-se uma medicina puramente psicológica, pois a loucura ganhou *status* psicológico.

Se na era clássica se definia a loucura pelo erro e pela falta, na moralização da loucura esta é marcada pela noção de culpabilidade, e é neste ponto que a diferença entre tratamento físico e psicológico começa a se fazer presente (FOUCAULT, 2002).

E na mudança para uma visão psicológica da loucura, o entendimento e explicação acerca da mesma mudam:

O que tinha sido entendido como calor, imaginado como agitação dos espíritos, sonhado como tensão da fibra, será doravante reconhecido na transparência neutralizada das noções psicológicas: vivacidade exagerada das impressões internas, rapidez na associação das idéias, desatenção com o mudo exterior (FOUCAULT, 2002, p.272).

O homem deveria estar em conformidade com o social, numa harmonia perfeita. O louco é excluído da sociedade, pois é aquele que está em desordem em termos de normalidade, regularidade e transmite medo.

Quando o louco é internado no asilo, hospital psiquiátrico, a loucura passa a ser vista em relação a uma conduta regular e normal, então, se a pessoa não se encaixa é vista uma desordem, seja no pensamento, no querer, nas idéias, na maneira de agir, etc.

“O olhar da psicologia estaria voltado para os processos de adaptação do indivíduo a este campo social [...]” (HUNING & GUARESCHI, 2005, p.108). Este último que o influencia e o regula de diversas formas, por diferentes fatores e instrumentos, entre estes a psicologia.

Com relação aos tratamentos oferecidos ao louco e sua loucura, aqueles eram físicos e morais. Assim sendo, os médicos utilizam-se de terapêuticas físicas e psicológicas, porém se faz inútil fazer tal distinção entre físico e o psicológico, porque a psicologia ainda não existe (FOUCAULT, 2002), o que existe, é uma medicina psicológica.

Os aparelhos de coação e as técnicas, com métodos morais, passam a ser usados como ameaça e punição, “[...] cujas técnicas tinham algumas um caráter de precaução social e outras um caráter de estratégia médica” (FOUCAULT, 2000, p.83).

A diferenciação de físico e psicológico se deu quando a problemática da loucura se torna o sujeito responsável, autônomo, livre. O tratamento psicológico é um tratamento moral atrelado a “liberdade” de voltar a ser o que era antes de se tornar louco, nisso o louco se reconhece como tal e adere ao tratamento para livrar-se de sua doença mental.

Antes os dizeres à loucura caminhavam para o corpo e para a alma, agora se tem um tratamento que se direciona ao corpo e outro a alma, a esta interioridade do homem.

Nasceram, nesse contexto, “[...] inúmeros temas de uma ciência objetiva do homem como a Psicologia (p. ex.: da análise de experiências ditas patológicas resultariam a Psicologia da Personalidade, a da Inteligência etc.)” (FRAYZE-PEREIRA, 2002, p.94)

Com uma observação ao que foi colocado acima, de que a psicologia se originou e se fundamentou numa experiência patológica, cuja experiência foi a do desatino.

A experiência do desatino, na era clássica, serviu de fundamento para muitas ciências do século XIX, entre elas a psicologia. A psicologia, nessa

experiência, tomou o homem pelo seu lado negativo e os tornou positivos, ela negou esse homem: psicologia da memória pela anamnésias, psicologia da inteligência pela debilidade mental (FOUCAULT, 2002). Mas, continuemos em sua origem histórica.

A origem da psicologia

A psicologia percorrerá um caminho, dentro do contexto da loucura, que irá do ciclo das causas materiais, na qual se procura materializar a alma, até a transcendência do delírio, numa trama envolvente de psicologia versus moral.

“A psicologia, como meio de cura, organiza-se doravante ao redor da punição. Antes de procurar tranquilizar, ela atenua o sofrimento no rigor de uma necessidade moral.” (FOUCAULT, 2002, p.325)

A psicologia tem uma origem moral, assim ela se utiliza de métodos morais para punir o louco, fazê-lo se sentir culpado por sua loucura e querer deixar de sê-lo, pois o louco se torna um sujeito responsável.

A nossa sociedade ocidental está sempre a criar novos mecanismos de controle, com procedimentos de punição e recompensa, vigilância, castigo, correção e moralização. Estas que são maneiras do poder se apresentar na ação (FOUCAULT, 1987).

Essa experiência da loucura no Ocidente, da qual Foucault fala, durou um século e meio, de meados do século XVII ao início do século XIX, desde a grande internação até a moralização da loucura, na qual emerge a psicologia.

A psicologia não nasce como uma ciência, nem ao menos como um campo de saber sobre o homem, mas nasce inserida nas práticas de poder (PRADO, 2005).

Qualquer ciência tem sua emergência num contexto de poder e saber, de uma questão política, aquele está em todo corpo social, inclusive nos discursos científicos. As ciências se prestam a um poder político, isto é, tem um comprometimento com as relações de poder, e o saber se torna um instrumento político. Saber e poder estão correlacionados, e logo se tem a união dos dois:

[...] as ambições normativas, planificadoras, que são inerentes a todo empreendimento científico à atividade científica como tal, e que podem se prestar fácil e alegremente a utilizações políticas – *em*

qualquer época e em qualquer lugar, ambições que são, elas mesmas, políticas. (BAUMAN, grifo do autor, p. 49, 1999)

A ambição política que se teve na experiência da loucura, foi a de ordenar o espaço social, ou seja, adequar essa sociedade, esses indivíduos as necessidades de uma nascente sociedade industrial, capitalista.

Trata-se de uma sociedade de controle [sociedades disciplinares] na utilização dos dispositivos de normalização e adaptação (NARDI & SILVA, 2005).

A tecnologia de controle incorre sobre os corpos enclausurados nas diversas instituições disciplinares (hospital, escola, fábrica). Essa tecnologia de controle, de poder da sociedade moderna, Foucault chamou de disciplina ou poder disciplinar.

Esta é uma tecnologia política ou mecanismo de controle político, o qual foi elaborado entre os séculos XVII e XVIII. Uma tecnologia para gerir homens, controlá-los, aperfeiçoá-los, torná-los dóceis e úteis à sociedade: dóceis politicamente, úteis economicamente (FOUCAULT, 1979).

Em outras palavras, esta tecnologia, economia do poder é um novo tipo de poder, que é o poder disciplinar, como dito anteriormente, o qual foi fundamental para uma sociedade industrial, que procurou extrair dos corpos, do indivíduo e da população, tempo e trabalho:

As monarquias da Época Clássica não só desenvolveram grandes aparelhos de Estado – exército, polícia, administração local – mas instauraram o que se poderia chamar uma nova “economia” do poder, isto é, procedimentos que permitem fazer circular os efeitos de poder de forma ao mesmo tempo contínua, ininterrupta, adaptada e “individualizada em todo corpo social. (FOUCAULT, 1979, p.08)

E o mesmo autor continua a dizer que essa “economia” do poder é muito mais eficaz e tem menos custo. Essa tecnologia de um poder político é uma tecnologia de controle do corpo social, pois está a circular um poder que não tem titular, mas que existe na ação. É um poder que se exerce em determinada direção, na direção do indivíduo, este que é seu alvo e efeito, no sentido de controlá-los e produzir tal sujeito.

Uma tecnologia que estava presente no asilo que tornou uma instituição moral, na qual o louco se viu apropriado pelo médico primeiramente, e logo a seguir, também pelos psicólogos. As instituições produzem saber, no caso do asilo produziu-se um saber psiquiátrico e psicológico.

Medicina e psicologia estiveram juntas nessa experiência – corpo e alma juntos, envolvidos -, seja na explicação, na aplicação dos tratamentos. Até o momento em que a medicina clássica separa corpo e alma:

Quando a loucura, confiscada inteiramente numa instituição moral, não for mais que doença [...] então “[...] o que era doença procederá do orgânico, e o que pertencia ao desatino, à transcendência do seu discurso, será nivelado no psicológico. E é exatamente aí que nasce a psicologia (FOUCAULT, 2002, p.337).

Houve um consenso dos médicos em retornar a uma medicina orgânica, que poderia explicar a loucura, pela via do orgânico, pois ela é uma doença, e o que é mental será psicológico. Para chegar a essa separação entre doença orgânica e doença psicológica, o asilo foi um grande contribuinte, juntamente com:

[...] a técnica da hipnose e da sugestão, o problema da simulação, o diagnóstico diferencial entre doença orgânica e doença psicológica, forma o centro da prática e da teoria psiquiátrica. O ponto de perfeição [...] foi atingido quando as doentes do serviço de Charcot [...] se puseram a reproduzir uma sintomatologia calcada na epilepsia, isto é, suscetível de decifração, conhecida e reconhecida nos termos de uma doença orgânica (FOUCAULT, p.123, 1979)

Dessa maneira, a separação do físico e do moral, psicológico, pela medicina clássica não veio de Descartes, e nem depois de Descartes se assumiu e entendeu essa separação, oposição de mente e corpo (FOUCAULT, 2002).

Assim, se separa mente e corpo, logo doença orgânica e doença mental, mas as explicações continuam sendo dadas de forma conjuntas. Nisso reside a questão de não se assumir e entender essa separação, pois se especializa o saber, mas são saberes que precisam estar juntos na explicação e tratamento.

Se essa separação é cartesiana ou anticartesiana não se sabe, porque mente e corpo continuaram juntos, a prática médica e a prática psicológica continuarão juntas. A separação se dá “[...] por um novo privilégio atribuído à falta. Apenas a prática da sanção separou, no louco, os medicamentos do corpo dos da alma.” (FOUCAULT, 2002, p.326)

Agora, se trata de uma falta moral como efeito psicológico da loucura, o louco se encontra numa instituição normativa, hospital psiquiátrico, e sua doença é passível de ser explicada pela via do corpo e da alma.

A medicina, então, volta a ser uma medicina do corpo, aliás, esta continuou tendo uma visão orgânica do desatino, apesar de ter dado outras explicações acerca da mesma. Pois, a patologia mental exige métodos de análise diferentes dos da patologia orgânica.

Por isso, “[...] a psicologia nunca pôde oferecer à psiquiatria o que a fisiologia deu a medicina [...]” (FOUCAULT, 2000, p.17). A fisiologia fundamentou a explicação dessa doença dos órgãos do cérebro.

O desatino sofreu diversas explicações e divisões (loucura, desatino, doença, doença mental) até chegar ao que hoje se diz dele. A medicina não se concretizou enquanto medicina mental, mas teremos a psiquiatria.

Sendo assim, serão duas práticas a dizer da loucura, psiquiátrica e psicológica, além da psicanálise com Freud, pois a psiquiatria do século XIX tenderá para Freud. Portanto, as “ciências psi” (psiquiatria, psicologia, psicanálise) estarão a dizer não só da doença mental, mas também do homem.

Já a psicologia, que emerge na fase de moralização da loucura, surge como se detivesse a verdade da loucura, como se conhecesse todos os seus enigmas, as suas causas e como se tratasse apenas de uma ambigüidade, normal-patológico. Contudo, a psicologia não nasce:

[...] como verdade da loucura, mas como indício de que a loucura é agora isolada de sua verdade que era o desatino e de que doravante ela não será mais que um fenômeno à deriva, insignificante, na superfície indefinida da natureza. Enigma sem outra verdade senão aquilo que a pode reduzir (FOUCAULT, 2002, p.337).

A psicologia impediu que o homem se encontrasse com sua própria loucura, e impedindo que esta fale também não a reconheceu, o louco se alienou ao discurso psiquiátrico e psicológico, logo ele não fala a sua loucura e sim a sua doença mental.

Nessa visão psicológica da loucura, o homem precisa reprimir sua verdade interior, loucura, alienando-se aos discursos médico e psicológico.

A loucura foi reduzida em doença mental e foi expressando, através da linguagem, que o louco possibilitou que classificasse, diagnosticasse sua loucura. Porém, a loucura persiste e resiste a toda essa classificação, pois sendo doença, não deixou de ser desatino.

“Classificar consiste nos atos de incluir e excluir” (BAUMAN, 1999, p.11), logo separar, segregar. É dividir o mundo entre aqueles que correspondem a um doente mental e o restante que não. Quando separa o mundo em dois (ordem - caos; doente mental - não doente mental), fica mais fácil de encaixar em um ou tentar ser o outro lado. Como por exemplo, estar atualmente como doente mental e poder retornar a ser o outro lado, não doente mental. E essa separação os faz dependentes, porque só vai existir um, se existir o outro, ou seja, só existe doente mental, se existir o não doente mental.

Ainda com o mesmo autor, a divisão de um conceito em dois elementos contrários é ao mesmo tempo um ato de exercer o poder e dissimulá-lo. Ela cria uma falsa simetria, que sua própria existência a desfaz, pois as práticas políticas de poder as fazem existir, ou seja, separa e mantém de lado. “Um lado depende do outro, mas a dependência não é simétrica. O segundo lado depende do primeiro para o seu planejado e forçado isolamento. O primeiro depende do segundo para sua auto-afirmação” (BAUMAN, 1999, p.23).

Como já foi dito, o doente mental depende do não doente mental, mas não se correspondem porque são opostos, separa o primeiro do segundo porque não se quer misturar; o medo, o próprio tratamento o faz isolar e também a ordenação do espaço social. Só se está de um lado porque existe o oposto, o outro lado, e assim o doente mental é internado no asilo para deixar de sê-lo.

Essa é uma das criações, invenções de nossa sociedade, pois ao se fazer da loucura um objeto de estudo, o que se criou foi a doença mental. Assim como a dicotomia não é simétrica, os enunciados dos médicos, psicólogos e dos loucos, também não o são. Tanto que estes profissionais dizem da doença mental e não da loucura.

É separando o louco pelo recurso do internamento que se possibilita a invenção social da doença mental, ou seja, a internação nos asilos, hospitais psiquiátricos, torna a doença mental uma realidade, assim como os saberes acerca da mesma.

“Nunca a psicologia poderá dizer a verdade sobre a loucura, já que é esta que detém a verdade da psicologia” (FOUCAULT, 2000, p.85). A psicologia não sabe a verdade da loucura, porque ela isolou esta de sua verdade, o desatino.

Foi através da experiência da loucura no Ocidente, que a psicologia se tornou possível. Se a loucura pudesse dizer o que foi essa experiência, todo o

percurso até a moralização da loucura e psicologização do homem, ela estaria a contar o acontecimento donde emergiu a psicologia. Assim:

Somos obrigados a constatar que, ao fazer a história do louco, o que fizemos foi – não, sem dúvida, ao nível de uma crônica das descobertas ou de uma história das idéias, mas segundo o encadeamento das estruturas fundamentais da experiência – a história daquilo que tornou possível o aparecimento de uma psicologia. (FOUCAULT, 2002, p.522)

Ao contar a história do louco e da loucura no Ocidente, ou seja, como foi essa experiência com a loucura, Foucault acabou por descobrir o nascedouro de uma psicologia, ou melhor, aquilo que tornou possível a psicologia. Portanto, podemos dizer que a história da loucura no ocidente é a história do surgimento de uma psicologia.

É a partir da relação do ser humano com a loucura, dessa experiência do patológico, da desrazão, do anormal, do erro e da culpa, que se permitiu então uma ciência psicológica que psicologiza o homem. A loucura tornou-se objeto de conhecimento e o louco objeto de moralização:

“Pois sem dúvida pertence à cultura ocidental, em sua evolução nos três séculos, o fato de haver fundado uma ciência do homem baseada na moralização daquilo que para ela outrora, tinha sido sagrado” (FOUCAULT, 2002, p.95)

Portanto, tanto o psiquiatra quanto o psicólogo, ambas as figuras nascem no contexto da loucura. Podemos dizer que a psiquiatria “patologiza” a loucura, tornando-a doença mental, e a psicologia psicologiza o louco, tornando-o homem psicológico.

A psicologia da loucura não dominou a doença mental, nem possibilitou o desaparecimento “desse mal”, pois a loucura permaneceu entre nós. Tornou-a patológica e nisso ficou, ou seja, tornou a loucura algo negativo.

A psicologia impediu que o homem se encontrasse com sua própria loucura, a relação essencial, da razão com a desrazão (FOUCAULT, 2000). Segundo este mesmo autor, só nos livrando de toda essa psicologia, para nos encontrarmos com nossa própria loucura.

Assim como a medicina não se cristalizou, a psicologia também não em relação à essência e natureza da loucura. “[...] Doença mental é apenas loucura

alienada, alienada nesta psicologia que ela própria tornou possível” (FOUCAULT, 2000, p.87).

A psicologia juntamente com a psiquiatria através de análises disciplinares, utilizando-se do exame, tornou possível a elaboração de uma doença mental. Assim o louco é um doente mental, mas o chamamos de louco, o que é, como o autor acima diz, loucura alienada.

Tentar explicar a loucura foi uma tentativa de poder-saber, pois o conhecimento se torna um instrumento político. O louco transferiu para o outro o domínio de sua loucura, ao dizer de sua loucura deu ao outro a possibilidade de dividir, classificar e diagnosticar a sua loucura. O louco alienou-se nessa psicologia que se fez campo de saber sobre o homem.

A loucura que um dia foi a verdade do homem foi substituída pela psicologia, esta através da transformação do homem em *homo psychologicus*, estaria encarregada de deter a verdade interior do mesmo, desse modo a psicologia passa a ser a verdade do homem, no mundo ocidental (FOUCAULT, 2000, 2002).

Na moralização da loucura, tem-se a objetivação da mesma, logo a psicologização do homem, e assim o homem se faz objeto juntamente com sua loucura, ele diz de seu mundo interior, e disso se formula uma ciência. Mas mesmo com o internamento do louco, com as explicações que se deram a loucura, não a extinguiu; porque na verdade o que se objetivou foi a doença mental.

A ambiguidade interioridade-exterioridade “[...] faz da loucura um elemento de interioridade sob a forma de exterioridade” (FOUCAULT, 2002, p.518), ou seja, a loucura é vista como algo que pertence ao interior do sujeito; subjetivo, singular, mas que o louco externaliza ao manifestar sua loucura, seja através do comportamento, fala, gesto, etc.

Desse modo, a loucura se torna um modelo para a psicologia. Pois a mesma se mostra através do comportamento, dos gestos, do corpo; só que enquanto objeto não tem como acessar a sua subjetividade, a não ser na objetividade. Quando o louco enuncia (dar a entender, conhecer) por palavras, gestos, comportamento, corpo, isto é, quando ele comunica, manifesta a sua loucura, se tem a passagem do subjetivo para o objetivo, e conseqüentemente a psicologização do homem (FOUCAULT, 2002).

Isto é a dimensão interioridade-exterioridade, ou seja, quando o louco externaliza a sua loucura, ele possibilita fazer desta, do seu mundo interior, um

objeto de estudo. Ele no asilo é um sujeito de conhecimento, onde os profissionais estão, digamos assim, a produzir um saber acerca desse indivíduo e do seu desatino. Assim temos a equação sujeito que se torna objeto, e que resulta em saber: psicológico e psiquiátrico.

Considerações Finais

Começar a nossa pesquisa pela experiência da loucura no Ocidente foi começar pelo seu nascedouro, a fonte de onde brotou toda essa psicologia de nossos dias.

A psicologia se fundamentou nessa experiência patológica, de transformação do desatino em doença mental. A loucura foi um modelo para a psicologia. Um modelo de como produzir um saber sobre a interioridade do homem. Através de seus comportamentos, fala, gestos, hábitos, etc, houve a transferência do subjetivo para o objetivo.

Podemos dizer que a experiência da loucura no Ocidente tornou possível o surgimento de uma psicologia. Mas, a história de surgimento da psicologia é uma convergência de inúmeros fatores.

Tal experiência inicia no século XVII, com a grande internação, em que se leva para o hospital, casas de internação, todos aqueles “alterados” em relação à ordem da razão e da moral de uma nascente sociedade industrial.

Porém, logo boa parcela da população estava internada, faltando mão-de-obra nas indústrias, é quando se tem a “libertação dos loucos” (grifo nosso) e uma nova reorganização dessa experiência, transformando as casas de internação em asilo, pois a loucura ganha valor terapêutico.

Essa experiência envolveu vários discursos e instâncias sociais. Entre esses discursos estará o discurso jurídico da alienação juntamente com a medicina. Prática conjunta que possibilitou a apropriação da loucura pela medicina. No asilo, hospital psiquiátrico, o médico através da observação, classificação, registro e análise do comportamento dos indivíduos, etc., transformará o desatino em doença mental. Tendo o exame, que é uma forma de saber, como uma forma de análise disciplinar produzida pela reorganização do Direito.

As instituições provocaram o surgimento de uma série de saberes, por manter em um ambiente fechado e fixar os indivíduos a uma norma, possibilitando aos médicos ter a sua disposição um sujeito de conhecimento e sua loucura.

No asilo, a loucura estará inserida numa patologia e terá uma dimensão interior, moral-culpa. O louco reconhecerá a sua loucura e fará o tratamento que é proposto. É então que se elabora uma psicologia da loucura e as possibilidades de uma futura psicologia.

Temos uma medicina psicológica. Porém, começa a diferenciação entre tratamento psicológico e físico, quando o louco se torna um sujeito responsável pela sua doença mental e pode dela se livrar. Sendo assim, o tratamento psicológico é um tratamento moral atrelado a “liberdade” de voltar a ser o que era antes de se tornar louco.

Medicina e psicologia estiveram juntas nessa experiência, corpo e alma juntos, até a medicina clássica separa corpo e alma, e então nasce uma psicologia. A medicina volta a ser uma medicina do corpo e psicologia a ter como referência a alma.

Com a pesquisa bibliográfica realizada, pode-se afirmar que todo saber tem sua origem nas relações de poder, este que pode ser político, econômico, judiciário, etc. Poder e saber, saber e poder, estes se unem e produzem sujeitos, objetos e conhecimento.

As práticas sociais de controle e vigilância estão a produzir saber e sujeitos de conhecimento. Tal controle se dá nas relações de poder e dominação, que se tornou mais eficaz tendo o indivíduo como seu objeto e efeito de poder e saber. Efeito e objeto de uma política disciplinar.

Talvez, não apresentamos aqui, a origem da psicologia, mas o ponto de invenção político, econômico e jurídico de um discurso psicológico sobre um sujeito de conhecimento, o homem psicológico.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e Ambivalência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio M.; SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. Psicologia: Uma (nova) introdução. 2. ed. São Paulo: Educ, 2003.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 18.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 27.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. Arqueologia do saber. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. Doença Mental e Psicologia. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

_____. História da Loucura. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. A verdade e as formas jurídicas. 3 ed. Rio de Janeiro: Nau, 2003.

FRAYZE-PEREIRA, João. O que é loucura. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

GUARESCHI, Neuza M. F.; HUNING, Simone M. Efeito Foucault: desacomodar a psicologiza. In: GUARESCHI, Neuza M. F.; HUNING, Simone M. (Org.). Foucault e a Psicologia. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005. p.107-127

NARDI, Henrique Caetano; SILVA, Rosane Neves da. Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos. In: GUARESCHI, Neuza M.F.; HUNING, Simone M. (Org.). Foucault e a Psicologia. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005. p. 93-105

PRADO, Kleber Filho. Para uma arqueologia da psicologia (ou: para pensar a psicologia em outras bases. In: GUARESCHI, Neuza M. F.; HUNING, Simone M. (Org.). Foucault e a Psicologia. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005. p. 73-91